

**A CULTURA COMO POLÍTICA: O OLHAR DA AUSCULTA SOCIAL,  
UMA METODOLOGIA POSSÍVEL**

**Sebastião José Soares<sup>1</sup>**

**Orientação: Leila Maria da S. Blass<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar, sob o olhar da Auscultação Social, a maneira pela qual a cultura é entendida como política pública, cuja análise será realizada em seu aspecto individual, sentido e percebido; bem como os aspectos coletivamente vivenciados por uma determinada sociedade e investigar se este método foi capaz de contribuir para a compreensão e a importância de práticas cotidianas de indivíduos e de grupos sociais na e para implantação de uma política de cultura no bairro de São Miguel Paulista, periferia da Cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** cultura, arte, educação, participação, cidadania.

**I. Introdução**

O texto que segue tem como objetivo lançar elementos para discussão sobre questões norteadoras sobre a compreensão da cultura e a sua inclusão como prática política. Quais os desafios e a importância do método da auscultação social como forma de fazer desvelar estas práticas na apreensão e na implementação de uma política de cultura. O propósito é buscar na comunidade de São Miguel Paulista – zona leste da Cidade de São Paulo, cenário escolhido para o desenvolvimento desta experiência metodológica – mecanismos de socialização e de sociabilidade presentes nessa comunidade, que contribua a pensar sobre as práticas culturais no seu cotidiano e de que maneira estas vivências são enxergadas ou compreendidas pelos seus fazedores no interior de seus projetos socioculturais, como uma política.

O levantamento de novas abordagens poderão dar pistas sobre como compreender a dimensão política da cultura em momentos de profundos processos de mudança dos comportamentos sociais e na convivência coletiva e individual, tal qual essa mudança se apresenta hoje no interior dessas comunidades e, mais especificamente, no interior de projetos sociais que se realizam na referida comunidade.

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP. tiao.soares@hotmail.com.

<sup>2</sup> Livre-docente em Sociologia e Professora Titular na PUC-SP; Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP).



Dar-se-á ênfase ao caráter urbano aonde essas práticas culturais ocorrem e de que modo a cultura é entendida como política diante tantas transformações na cidade; ou seja, considerar como relevante o caráter urbano, na intenção de mapear comportamentos nestes mesmos espaços, procurando ampliar o entendimento da metodologia da Auscultação Social que permita trazer à luz dos estudos sociológicos, elementos que nos facilite entender a cultura como impulsionadora e capaz de mover o motor do desenvolvimento humano e entendê-la como indispensável na obra simbólica dessas transformações.

Assim, considerar que é na cidade aonde ocorre a cultura e é na cultura que essas manifestações se gestam com seus novos modos de vida, seus gestos e jeitos de ser. De modo que este trabalho buscará traçar caminhos possíveis para o entendimento da dimensão Política da Cultura e entender os mecanismos que a metodologia da auscultação social traz à luz de tantas transformações sociais dentro do urbano.

A proposta da auscultação social – metodologia aplicada a essa pesquisa – busca investigar através dos modos de vida, gestos, ruídos internos de grupos que participam de projetos sociais, com os quais estamos envolvidos, de que modo esta percepção abre pistas que nos leve apontar que é na Cultura que se promove alternativas sustentáveis para a discussão dessa área do conhecimento e buscar entender que uma política de cultura é indispensável à sustentabilidade humana.

A metodologia de trabalho na realização da pesquisa se constituirá em realizar observações, imersões e participações em atividades culturais, educativas que estejam declaradas pelos seus realizadores com objetivos de trabalhar o desenvolvimento pessoal e social de crianças, jovens e adultos.

As atividades educativas, culturais, artística e de cidadania a serem observadas, nomeadamente, têm caráter formativo e serão trabalhadas na pesquisa, em círculos culturais, ou seja: valendo-se do método da auscultação social, que consiste na prática de diálogos permanentes com educadores, educandos, gestores e comunidade, privilegiando o “fazer com”, fazer junto com a comunidade, em contraposição ao “fazer para”.

O objetivo geral deste estudo é analisar as experiências de projetos sociais que se desenvolvem em alguns espaços comunitários e governamentais – sociedades de bairro, – que utilizam metodologias socioculturais como antídoto para salvar vidas de crianças, jovens e adultos em comunidades periféricas e que se utilizam da cultura – como sendo apenas arte – como base estruturante nas práticas sociais desenvolvidas.

Deste modo busca-se traçar como objetivos específicos entender as práticas e as ações, ditas culturais, no interior de projetos que atuam na região de São Miguel Paulista, zona leste da cidade de São Paulo.

Investigar o papel da auscultação social na compreensão simbólica da cultura (modos de vida, valores, referenciais, etc.) e em que medida estas práticas contribuem para o desenvolvimento de ações no cotidiano de projetos sociais que trabalham a cultura como sendo, apenas arte.

Tomar como ponto de partida a noção de cultura do ponto de vista antropológico e entender a dimensão política desta área do conhecimento;

Analisar as experiências de projetos sociais que se desenvolvem em alguns espaços públicos comunitários e governamentais (Organizações não governamentais, Sociedades Amigos de Bairro).

## **II. Da inquietação à busca de descobertas observadoras**

As primeiras inquietações, observações e intuições se deram por meio de um olhar observador trazido da infância às práticas sociais, em trabalhos desenvolvidos durante as últimas duas décadas.

A convivência com a minha avó indígena e louceira (expressão dada a pessoas que trabalham o artesanato de barro), com toda a sua magia que lhe era peculiar, trouxe questões capazes de me instigar a usar a observação como forma indispensável para melhor conhecer o outro, este aprendizado simples de ver o mundo me pareceu fundamental para apreciar tudo o quanto ocorria ao redor de mim e do mundo, esta experiência de estar sempre aberto ao que se passa, faz de meu silêncio um outro jeito de falar, de se comunicar, compreender e ver com os olhos, um outro olhar denunciador; ou seja, um olhar que nada passa “batido” (expressão popular, quando quer se dizer: vejo tudo), até os dias atuais.

Os assuntos corriqueiros e carregados de significados que se passavam todos os dias faziam parte de temas ligados aos modos de vida ou de coisas inertes ao cotidiano, eram questões intrínsecas ao contexto da vida das pessoas e assim da vida cotidiana, onde pouca ou nenhuma pessoa se fazia notar, se aperceber do que se passava ali. Isto no dizer de Machado Pais (2003, p.28) em uma de suas definições do cotidiano, quando diz: “É o que se passa todos os dias: no quotidiano nada se passa que fuja a ordem da rotina e da monotonia”. O que o autor traz ajuda a elucidar o que era observado e entendido nos comentários de minha avó sobre os estilos de vida, a educação de outras

crianças, companheiras de minhas primeiras brincadeiras e de conversas. A forma de falar, de sentir, de se comunicar, muitas vezes somente usando os gestos, me deixavam, a cada dia, ligado no que ela queria me dizer através de sua observação. A minha curiosidade acerca da forma como ela lidava com as palavras, ilustradas com elementos da natureza, que em sua explicação, queria dizer metaforicamente os modos pelos quais as pessoas se manifestavam, eram símbolos fortes e inquietantes. As comparações e os gestos por ela encenados enchiam de significados e iluminavam a minha imaginação sobre o que se passava na vida cotidiana das pessoas, da natureza e o que isso poderia se transformar sob o ponto de vista de minha imaginação.

Estas primeiras observações, apesar de despertar à luz da imaginação, olhares diferenciados, traziam questões que me deixavam incomodado e com complexo de inferioridade, por me achar um ser diferente das demais pessoas; ou seja, ouvia-se dizer coisas do tipo: “Esse menino vive a observar as coisas e as conversas dos outros sem se ser convidado para tal. Esses gestos faziam de mim um sujeito diferente, distinto das demais pessoas. Este jeito diferente de ver as coisas me acendia a cada comentário, um jeito diferente de ver o mundo e estar nele, onde nada pudesse acontecer sem que não estivesse a acompanhar o movimento, os gestos, a relação com o outro, como afirma Freire (2001): “estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros”.

Em segundo plano ou concomitante a essa convivência com a minha avó se faziam muito presentes as inquietações e os novos desafios ao longo da vida, nesta base primeira, vinha uma educação rígida, contida de muitos outros olhares. Neles se observava mais gestos e poucos comentários, talvez isto, por serem oriundos da mesma formação já comentada acima.

Os gestos, o olhar, a inserção na sociedade, os cuidados de lidar com o outro e com a própria família, eram para mim, ainda mesmo muito criança, algo que marcava a diferença e, neste sentido, muitas questões me deixavam cada vez mais atento a esses movimentos, que de certo modo, chamavam a atenção para o bem ou para o mal. Um outro jeito de ser e estar com o mundo.

A observação das discussões em torno de assuntos rotineiros trazia uma proximidade da realidade que se insinuava a cada descoberta. As conversas, os diálogos que se desenvolviam no interior de minha família, se interessantes ou não, tinha-se que ser convidado a participar, sem esta condição não havia como interagir. Foram,

portanto, esses jeitos de ser e de fazer, aliados com os diferentes modos de vida que delinearam as diferentes formas de ver o outro, dentro da mesma comunidade.

Os encontros na comunidade ou na família, cenário de discussões, de conversas e de compartilhares, sempre foram espaços propícios do olhar intencional, onde se entendia o que se queria dizer, traduzindo, certamente, aprendizados antes despercebidos por um olhar mais profundo. Os sentidos e os sentimentos de uma comunicação, através do olhar, eram questões que me orientavam acerca de outros comportamentos vividos, vivenciados no meio social onde morávamos, estudávamos, etc.

Esta forma de estar em um mundo tão pequeno, como o de minha família, parecia não caber dentro destas inquietações, assim por força de circunstâncias adversas a esse mundo cheio de fantasia e de imaginação, não havia outro jeito: sair desse círculo e buscar outros cenários de vida. Um cenário possível que se pudesse acolher todo esse encantamento imaginativo, utópico e colocar neste lugar, um outro sonho, uma forma de agregar estas inquietações.

### **III. Noções de Cultura, e o uso da Auscultação Social nas práticas de projetos sociais**

As práticas educativas desenvolvidas no interior de alguns projetos socioculturais – objeto desta pesquisa – na região de São Miguel paulista, zona leste de São Paulo, nem sempre têm noção da compreensão da cultura como prática política, observa-se nas diversas maneiras e formas peculiares de diálogos promovidos em suas localidades a ausência de comunhão com os seus fazeres locais, suas tradições, suas produções históricas, sociais e intelectuais.

Esse modo próprio de se tratar as questões dos diversos saberes tem a ver com o modo de se procurar entender o respeito à cultura, o fazer pela cultura e pelo modo de vida, o que se poderia buscar compreender as tradições de luta, suas produções. A origem da palavra cultura tem o sentido de cultivar, jeito de ser, de existir. A cultura tem um papel fundamental em toda organização social e, além disso, há um caráter complexo em toda cultura, primeiro, por necessidade de salvaguardar seus próprios valores, virtudes, a própria identidade dos membros de uma comunidade, para impedir que tudo aquilo se desintegre, se dissolva ou simplesmente se esqueça. Isto do ponto de vista fechado. Por outro lado, defende-se a cultura do ponto de vista aberto que é aquele

que permite adquirir virtudes, valores, enriquecimentos que vêm de outras culturas, facilitando, dessa forma, a evolução, a transformação.

Buscando uma definição de cultura encontra-se em Laraia (1986) quando escreve sobre os antecedentes históricos do conceito de cultura:

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Com esta definição o autor descreve a contribuição de Tylor ao mostrar a abrangência das possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, como diz, transmitida por mecanismos biológicos. Assim o termo cultura será o conceito alargado que se buscará entender no projeto de pesquisa e a sua importância no desenvolvimento das políticas culturais para as diversas comunidades envolvidas na presente pesquisa.

Na argumentação de Laraia (1986) sobre o desenvolvimento do conceito de cultura, o autor escreve:

A primeira definição de cultura que foi formulada do ponto de vista antropológico, como vimos, pertence a Edward Tylor, no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871). Tylor procurou, além disto, demonstrar que cultura pode ser objeto de estudo sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. O seu pensamento pode ser melhor compreendido a partir da leitura deste seu trecho: Por um lado, a uniformidade que tão largamente permeia entre as civilizações pode ser atribuída, em grande parte, a uma uniformidade de ação de causas uniformes, enquanto, por outro lado, seus vários graus podem ser considerados como estágios de desenvolvimento ou evolução.

Com estas definições, além de muitas outras, agregam-se bússolas que nos ajudará a se pesquisar nos projetos envolvidos, se há trocas de saberes e experiências na perspectiva de ampliar o repertório existente, criando dessa forma o seu novo mundo, sem perder de vista as suas raízes, isto é, sem o seu esquecimento. Da mesma forma, alia-se a isso a busca de se compreender a cultura como uma política que vise a ampliação de olhar o mundo, agregando valores e condições vida e de desenvolvimento

humano. Dito isto, quero lembrar o poeta T. S. Eliot (1988), em *Notas Para Uma Definição da Cultura*: “o que se quer não é reconstruir uma cultura em vias de desaparecimento sob condições modernas que a tornem impossível, mas fazer crescer uma cultura contemporânea sobre as velhas raízes”.

Ora, o poeta acima esclarece bem que se quer definir por cultura, e ainda nesta mesma linha de pensamento, procurando trazer uma compreensão destas práticas no contexto cultural em que elas se realizam, Freire (1992, p.86) esclarece:

O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. “Seu” mundo, em última análise é a primeira e inevitável face do mundo mesmo.

Com esse entendimento defende-se que a cultura origina a educação dos sujeitos a partir da criação de uma consciência ou reconhecimento de estar no mundo. E assim adianta Freire (1992, p.108): “cultura é a compreensão dialética da relação mundo-consciência”.

Gohn assinala que a filosofia é um dos mais profícuos caminhos para o entendimento das diferentes concepções de cultura na história. A autora traz algumas observações na trilha do marxismo, vários intelectuais que trataram a cultura no campo das discussões sobre consciência, como Lukács e Goldemann. O último, ao analisar o universo da produção cultural e o mundo das informações, via a cultura num universo estratégico, das ações a serem desempenhadas por todos aqueles que desejavam intervir na vida social. Para Gohn (2001, p.24) era importante “saber quais são, num estado dado, numa dada situação, as informações que se pode transmitir, quais as que passam sofrendo deformações mais ou menos importantes e quais as que não podem passar”. Desse modo, o que defendo no projeto de pesquisa tem a ver com o respeito à cultura local, aos valores existentes em cada localidade onde se pretende empreender uma ação e o que há de entendimento sobre a cultura como um projeto político.

Vejo, no entanto, a alegria de poder contribuir com os pensamentos dos autores acima, analisando as práticas sociais dentro das ações de cada projeto pesquisado, desde a sua concepção até a vivência cotidiana, quando se cria e se recria em conjunto com os seus participantes (coordenadores, colaboradores, professores, educandos) a forma de agir, elaborar, construir e desconstruir conceitos e práticas a partir de seu dia-a-dia baseado na cultura; ou seja, por meio da educação compartilhada ou da troca de saberes na comunidade é que se pretende ou se procura mostrar em nossa pesquisa as práticas

educativas, culturais desenvolvidas no interior dos projetos. Baseado ainda nestes discursos é que, novamente, Freire (2002, p.51) vem ao nosso encontro:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas.

É nesta compreensão trazida por Freire que se mostra a consciência intencional no trato das atenções dadas aos indivíduos nas suas relações com o mundo e com os homens, e procura-se, a partir de seu saber e de sua cultura, clarificar que também existe um valor cognitivo – porque temos seres concretos em sua subjetividade, temos o valor da compreensão humana. E a cultura, verdadeiramente, deve despertar o espectador de uma compreensão adormecida em sua vida cotidiana.

Neste pretendo diálogo quero promover uma compreensão a partir de um outro enunciado trazido por Machado (2003, p.134):

Uma boa parte dos métodos qualitativos procura justamente dar voz aos que a têm sufocada por aquelas outras vozes que, à custa de tanto se fazerem ouvir, abafam todas as demais. É o caso do método da história oral que normalmente se usa onde melhor se pode contar e escutar: entre os analfabetos, marginais e excluídos. O social não se resume aquilo que nos é dado com maior tangibilidade ou visibilidade. Mas para descobrir esse outro social submerso impõe-se desafiar as convencionais e persistentes hierarquias de credibilidade.

Para o autor, a descoberta desse outro social submerso, permite um melhor entendimento das discussões em torno da prática do método da ausculta social, que tem a ver com a busca do possível a partir do reconhecimento nas realidades humanas, na poesia, a que nos faz viver – é a emoção, é o amor, o gesto, é a estética, é a beleza que pode conduzir ao êxtase. A pesquisa busca na poesia, no teatro, e na arte possibilidades de introduzir por meio da clareza poética uma forma com a qual pode-se decifrar de que modo a cultura é vista e sentida nas suas práticas cotidianas. Essas ausculta sociais – a conversa em pé-de-calçada, os encontros – são práticas cotidianas que buscam o ser na sua mais profunda inteireza. Pretendo com isso me fundamentar no que discute o nosso saudoso Paulo Freire (2002, p.48):



Exatamente porque ser, finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à sua fonte, que o liberta. No ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, por outro lado, da descoberta de sua temporalidade, que ele começa a fazer precisamente quando, varando o tempo, de certa forma então unidimensional, atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã.

Assim, a real intenção é trazer para dentro das discussões uma compreensão da escuta, mais aprofundada, como forma de troca e de aprendizado a partir do que já existe e, com isto, incorporá-las às ações, tecendo através da experiência do outro uma criação e recriação, integrando-se às condições de seu contexto cultural e a partir daí, buscar entender de que modo dar-se importância a este contexto, a essa cultura.

Argumenta ainda Freire (2002, p.49):

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da história e o da cultura.

Neste sentido, o que se pretende com a análise das ações e nas práticas de cada pessoa envolvida é, também, mostrar as discussões vistas e vivenciadas no interior dos projetos pesquisados, quando trata das questões das conversas em pé-de-calçada. Tais conversas são encontros que acontecem na rua, a partir de uma casa de família que concede o espaço e então a conversa tem início. Participará dela vizinhos e pessoas interessadas; são conversas sempre em torno de suas histórias de vida, suas heranças culturais, e que regatam suas raízes e incorporam estes saberes a uma nova proposta educativa e cultural para o bairro e para as famílias, inserindo-as em novo contexto de sociabilidade e de solidariedade. Desse modo pratica-se a ausculta social, abrem-se as rodas de conversas em torno de assuntos diversos, especialmente sobre o seu cotidiano, um forte vetor da aspiração humana, que na maioria das vezes é deixado de lado por questões da cultura da pressa. Este método introduz a relevância do respeito ao saber local e o de cada um, incorporando-o um melhor entendimento às práticas culturais de cada projeto, fazendo parte das chamadas trocas de experiências, métodos praticados em todas as ações pesquisadas e que possam contribuir muito significativamente para uma educação a partir de suas práticas de liberdade na constituição de um novo tecido cultural e social.

Com esta compreensão, quero voltar ao dito na definição do presente projeto de pesquisa (texto introdutório), quando são discutidas as formas de atuação nos diversos

bairros, nos quais encontra-se uma diversidade de sujeitos das mais variadas culturas de muitos cantos do Brasil. Com esta variedade de modos de vida, o método desse trabalho deve se voltar, nomeadamente, ao respeito pela cultura de cada lugar, pelas histórias de vida, pelos seus saberes. E depois dessa ausculta é que são postuladas as primeiras abordagens, isto é, as primeiras conversas.

Buscar-se-á discutir em nossa pesquisa as experiências que vêm contribuindo ou não para um enriquecimento do respeito pelo saber cultural da comunidade e o entendimento da cultura como política, preservando-se a convivência agradável em torno de assuntos do cotidiano. Cotidiano este que tem muito a ver com a memória das pessoas que, na maioria das vezes, é deixada de lado por muitas ações socioculturais e escolares onde dão muito pouca ou nenhuma importância às riquezas das experiências de que cada pessoa traz consigo. São riquezas que muitas escolas e projetos sociais ainda não incorporaram às suas práticas educativas.

#### **IV. A auscultação social**

Uma metodologia de trabalho intuitivamente posta em prática nessas ações: a ausculta social.

Pode-se orientar por meio dos tópicos descritos uma trajetória de trabalho sempre à busca do cumprimento das inquietudes e intuições, mas sobretudo a partir de um olhar observador acumulado desde os primeiros passos da educação, podemos ver uma experiência vivenciada que constata a perseguição de uma metodologia possível de se achar caminhos e trilhas para uma pesquisa social.

A política existente ou a ausência da cultura na compreensão do que seja política no entendimento do governo e pela comunidade são questões que se pretende refletir e debater no intuito de trazer à luz de uma compreensão mais ampliada desta dimensão, ou seja, a compreensão da dimensão política da cultura e as suas práticas desenvolvidas por governos ou projetos de agentes sociais, ditos socioculturais.

A falta de participação popular ou a despreocupação com a existência de uma parcela social em dar a sua opinião, certamente, leva a uma ausência de uma política de cultura que se entenda transversal aos diversos ramos do conhecimento.

A iniciação da prática da ausculta social dentro do poder público. O que era o governo local, quais, à priori a olho nu, as suas reais intenções e o que fazer a partir de um olhar perspicaz na intenção de convencer o poder público e as pessoas a compreender a importância de um olhar, um gesto, uma intencionalidade, na apreensão

e na implementação de uma política que contemple a articulação compartilhada e construída com participação da sociedade; ou seja, uma política com ela, por ela e para ela que contemple a diversidade das práticas sociais, visando a garantia de direitos sociais e culturais.

Neste sentido, esta experiência fez com que se abrissem outras ações na Cidade de São Paulo, neste caso entidades do chamado terceiro setor que corrobora a metodologia, fora das instâncias do poder público, reforçando a compreensão do que era o trabalho junto à população em Itapeverica da Serra, a partir de ações imersas no cotidiano, como foi o caso do Projeto Barracões Culturais da Cidadania.

Deste modo, pretende-se contextualizar socialmente as experiências individuais para evitar pensar que tudo começa com o indivíduo. Os percursos individuais e os contextos onde estes trajetos não traçados não estão desligados de uma história anterior, de modo que estes caminhos precedem de outros caminhos históricos e assim este trabalho buscará observar de que modo estas atividades são desenvolvidas e como é levado em conta o seu contexto social para a sua aplicabilidade no cotidiano e o seu contexto social destes projetos.

O professor Machado Pais (2003, p.115) buscando definições de um contexto social nos diz:

As sociologias procedem, correntemente, a contextualizações. Mas fazendo de maneira diferente. Ou seja, há várias maneiras de contextualizar, as quais asseguram uma pluralidade – por vezes, conflituosa – de diferentes leituras, tendências ou correntes sociológicas. Uma dessas maneiras é feita pela via do cotidiano.

A argumentação de Pais produz e ajuda a construir a ideia de que esta pesquisa se aprofunde na busca da utilização dos contextos de indivíduos e que se refiram aos elementos do meio social aonde eles estão inseridos e assim entender de que modo estas práticas se realizam e se contribuem para a compreensão da cultura como algo mais alargado, levando-se em conta o passado histórico desses indivíduos, dado o entendimento do contexto também histórico e móvel. Não se pode, então, desconsiderar a importância e o sentido de pertenças na estruturação dos comportamentos no decorrer de vida destes indivíduos.

As ferramentas da auscultação social estabelecem em si um jeito de escutar o observar, os gestos, os ruídos internos e o que há dentro de cada um, escutar o barulho do silêncio e o que o gesto comunica. Imaginamos que estas ferramentas combinam e

vem ao encontro do que traz Pais (2006, p.314) quando traduz a sua experiência de pesquisa na obra “Nos rastros da Solidão”, o relato diz respeito à experiência desse autor na passagem por um aeroporto de Lisboa, cuja pequena estrofe de um longo relato sobre um corpo estendido que ao longo de um banco dormia e com o qual nos ajuda a situar em nossa metodologia aspectos socialmente significativos. Vejamos, apenas, uma parte desse relato:

Cerca de vinte minutos depois voltei ao meu diário de campo, já na sala de embarque. Nele anoto que lhe dei um “bom dia” e um cigarro embrulhado num sorriso, tendo recebido como resposta palavras de uma língua que não entendi. Quando lhe estendi o maço de cigarros creio ter compreendido a linguagem de seu olhar, sem nada lhe dizer, sem nada lhe perguntar. O silêncio é uma linguagem universal pois pode conter todas as palavras, é um reservatório inesgotável de comunicação. Aliás, nem sequer estou certo de que as palavras consigam alcançar coisas que pretendem designar. Por exemplo, que realidade se esconde por detrás da palavra solidão: Estendi-lhe um isqueiro. Balbuciei palavras que não entendi a não ser “Ucrânia” que repeti com entusiasmo por lhe ter descoberto a nacionalidade. Levou a mão ao bolso e, puxando da carteira, mostrou-me a fotografia de uma jovem mulher com um bebê. Continuou a falar-me numa linguagem que não entendi mas que deu para compreender. Parou de falar e subentendi que nem sempre o silêncio necessita ser mobiliado de palavras. Olhei o relógio, deixei-lhe um maço de cigarros e acenei-lhe um adeus.

O relato acima fundamenta a intenção da ausculta e com isto afirma-se que o método em questão, a ausculta social: Inclui-se, também, conversas de rua, conversas em pé-de-calçada, rodas de leitura e bate-papos descontraídos, iniciados a partir de uma boa notícia ou de assuntos trazidos do cotidiano da comunidade visando à criação de vínculos entre todos os participantes. Essas rodas de conversas, aplicadas antes e concomitantemente à realização das atividades, amplificam a complexidade das experiências culturais contemporâneas, de modo que cada grupo identifique o seu jeito de ser e os seus valores no dia-a-dia, gerando a criação de vínculos, afetividades, reflexões e críticas conscientes.

## **V. Bibliografia**

ALMEIDA, Danilo Di Manno de (org.). **Corpo em ética: perspectiva de educação cidadã**. São Bernardo do Campo: UMEESP, 2002.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, Coleção Tópicos.

BARACCCHINI, Sabrina; PAULA E SILVA, G. H. de. **Barracões Culturais da Cidadania**. In: FARAH, Marta Ferreira Santos (org.); BARBOZA, Hélio Batista (orgs). **20 Experiências de Gestão Pública e Cidadania**. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol.1. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

HELLER, A. **O Quotidiano e a História**. Petrópolis: Paz e Terra, 1972.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 16.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MORIN, Edgar. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e Transdisciplinaridade**. Natal: EDUFRN, 2000.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987, Coleção Espaços.

SAUL, Ana Maria (org.). **Paulo Freire e a formação de educadores: múltiplos olhares**. São Paulo: Articulação Universidade/Escola, 2000.

SCHAFFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da Cidadania**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003, Coleção Primeiros Passos.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é Cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2001, Coleção Primeiros Passos.